

Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COLAS

Editor: ANTONIO BELEZA

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORA

DIRECTOR

PEDRO MURALHA

Redacção e Administração:

Calç. da Gloria, 25, 2.º — Telef. 2 1044 — LISBOA

Tipografia — RUA DA ROSA, 105

Tenente-coronel Brito Pais

UM HEROI E UM SANTO

No próximo dia 6 efectua-se a trasladação dos restos mortais do desditoso alentejano, tenente coronel aviador António Jacinto Brito Pais, que em 22 de Fevereiro do ano findo, foi vítima em Sintra com outros seus camaradas de um desastre que enlutou a nação.

Vai o corpo do desditoso aviador descansar eternamente para uma pequena vila que se encontra no coração do Alentejo. Ali ficará, ao lado de sua carinhosa mãe que certamente o abençoaria orgulhando-se de ter gerado um filho que, num dos maiores rasgos de heroicidade soube ligar Portugal ao Oriente, pela via aérea.

Brito Pais foi um herói e foi um santo. Herói porque a sua vastíssima folha de serviços nos mostra, tanto em França como em Portugal, autenticos rasgos de valentia; foi um santo porque toda a gente que se acercava da sua pessoa, em momentos de aflição era socorrida, ainda que com os maiores sacrifícios.

Muitos, o exploraram desapiedadamente porque viam nele um homem com um coração magnânimo, preparado sempre para sofrer os males alheios.

Podia morrer muito rico, se fizesse como tantos outros; mas não, a sua morte, pelo contrário, veio pôr sua família em sérias dificuldades, visto todos os seus haveres ficarem comprometidos para pagamentos de compromissos de causas que êle não gastou. Só um desses falsos amigos, o comprometera num compromisso de 200 contos, pois ficando por seu fiador, êste abalou para a América sem remorso de deixar comprometida a fortuna de um dos seus melhores amigos.

António Jacinto Brito Pais, alen-

tejano ilustre, apenas deixou a seus filhos que êle tanto idolatrava um nome honradíssimo coberto de glórias que jámais se apagarão nos anais da nossa aviação.

Descrever o que foi êsse *raid* — Milfontes-Macau, seria longo para as dimensões de um resumido artigo de fundo. Mas está ainda na



memória de todos os portugueses que viveram momentos de sobresalto, e de entusiasmo acompanhando *etape a etape* êsses valentes portugueses que atingiram num frágil aeroplano terras distantes, regiões orientais.

O seu querido Alentejo vai pois receber os restos mortais de um dos seus mais ilustres filhos.

O cortejo que será acompanhado por sua família e por seus melhores amigos, aqueles que o admiraram ou o conheceram em vida, sairá do Alto de S. João às 7 horas para o cais do Sodré, daqui para Cacilhas, atravessará Setubal, Alcacer do Sal, Torrão, Ferreira do Alentejo, Aljustrel, Monte Velho, (solar de

seus pais), e Colos, onde chegará pelas 3 horas da tarde.

O concelho de Odemira, veste-se êsse dia de luto. As escolas far-se-ão representar, e os sinos de Vila Nova de Milfontes que outrora festivamente anunciaram o *terminus* da viagem, dobrarão a finados, como um gemido de angustia, como o soluçar consciente pela perda de um dos seus mais dedicados amigos.

E no modesto cemitério de Colos, junto ao corpo de sua carinhosa mãe, lá ficará eternamente êsse herói, e êsse santo que em vida se chamou António Jacinto para a família e para os amigos íntimos, mas que ficou conhecido para as gerações futuras como o entrepido aviador Brito Pais.

As etapas Lisboa-Milfontes-Macau

Eis as etapas percorridas no «raid» Milfontes-Macau:

Amadora-Vila Nova de Milfontes, 130; Milfontes-Málaga, 400; Málaga-Oran, 340; Oran-Tunis, 1.000; Tunis-Tripoli, 600; Tripoli-Benghazi, 900; Benghazi-Cairo, 1.300; Cairo-Damasco, 750; Damasco-Bagdad, 800; Bagdad-Bouchir, 900; Bouchir-Bender-Abbas, 600; Bender-Abbas-Chahbar, 600; Chahbar-Karachi, 650; Karachi-Johd-pur, 1.055; Lahore-Ambala, 500; Ambala-Allahabad, 1.000; Allahabad-Calcuttá, 771; Calcuttá-Akhyab, 780; Akhyab-Rangoon, 615; Rangoon-Bangkok, 1.250; Bangkok-Hanoi, 1.350; Hanoi-Macau, 850.

Total dos vôos, 17.251 quilómetros em 117,55 horas.

Palavras de Gago Coutinho

O almirante Gago Coutinho que na aviação é um mestre, disse num discurso proferido a 15 de Setembro de 1924, entre outras coisas o seguinte:

«Preguntar-se-á o que foi a viagem aérea a Macau, dos aviadores portu-

gueses?! Com um aeroplano *qualquer* — um *coucou*, como lhe chamou Pelletier d'Oisy! — e com o auxílio popular de 3 homens, que, esses, não eram três homens *quaisquer*, foram num total de 5 dias, voadas 9 mil milhas, ou seja a ida e volta a Loanda ou ao Rio de Janeiro, quasi metade da volta ao mundo. Eles afrontaram riscos que nós aqui não podemos fazer ideia. Voaram sobre o mar, sobre desertos, sobre terras inhóspitas, enfim, sobre regiões onde seria impraticável a aterragem. Com a mesma tenacidade e desprezo pela morte de que já tinham dado provas no *raid* à Madeira, venceram ventos, nevoeiros e areias, as chuvas, as monções, os calores tropicais.

Levando as quasas portuguesas por sobre o Mediterraneo, o Egipto, a Arábia, a Índia, Bengala, Sião e China, e atingido por fim a colónia portuguesa mais longínqua, elle foram afirmar, naquelas paragens históricas, que os portugueses de agora não desmentem as tradições da sua raça, e que os descendentes dos capitães e marinheiros das naus se tinham tornado aviadores mantendo a Portugal os mesmos velhos foros de paladino do Progreso e da Civilização.

Não parou em Macau a sua trabalhosa viagem. Continuaram para o Oriente a animar com o seu prestigio mundial, fazendo-as vibrar de entusiasmo, as colónias que, com tanta honra, nos representam no Pacifico e atestam que, depois de termos concorrido para a descoberta da América, continuamos a concorrer para a sua povoação e desenvolvimento.

Tão vivificante acção estendeu-se também às colónias portuguesas, que elles não visitaram, mas onde chegou a fama de seu formidável vôo, e especialmente até ao Brasil, onde portugueses e brasileiros, com elle se envideceram, festejando-o com subscrições e manifestações populares.

Esta consolidação dos elos da cadeia, que une moralmente os portugueses espalhados pelo Mundo, obrigou os aviadores a outros fatigantes trabalhos complementares, em que, para não me alongar, não insistirei; tais são os de receber abraços, assistir a espectáculos e banquetes de homenagem, escrever pensamentos para alburns e jornais... até ouvir ler discursos e responder!

Pelos grandes resultados práticos da viagem aérea a Macau, cujo successo tão fundamente despertou o nosso orgulho e admiração, todos — e em especial a aviação portuguesa cujo distintivo elles tanto honraram — todos digo, devemos gratidão a tão valorosos e heróicos officiaes. E eu, com as minhas palavras rudes, acabo de procurar interperter os sentimentos de todos os presentes, como dos que aqui não puderam vir nem couberam, e, como, enfim, de todo o Povo Português, sobre quem recaiu a glória do feito, o que bem mostrou reconhecer.

Termino com os nossos mais sinceros e entusiásticos votos para que elles gozem uma longa vida em que continuarão, tão brilhantemente como até aqui a engrandecer a nossa Pátria!

O feito teve retumbancia no estrangeiro

O nosso colega «Diário de Lisboa» citou ainda as seguintes palavras do almirante a respeito da viagem:

«Sairam de aqui três dias depois de mim. Chegaram três dias depois de

mim e, no mesmo tempo, andaram o dôbro do que eu andei...»

Transcrevemos também de um dos números dêsse tempo do nosso colega «Diário de Notícias» as seguintes palavras do aviador francês Pelletier d'Oisy:

«Vendo o aparelho que tinham empregado não escondi aos meus camaradas portugueses a admiração que me inspirava o seu atrevimento. Se trazer de Lisboa pela via aérea tal aparelho até Bagdad, representava qualquer coisa de temerário, pretender levá-lo até Macau seria uma loucura. Poucos pilotos conheço capazes de abalançar-se a semelhante tentativa, dispondo de tão acanhados recursos. No entanto os dois intrépidos aviadores e o seu mecânico conseguiram realizar essa façanha».

(Do «Petit Parisien»)

Cotações officiaes

Na sessão de 30 de Março da Bolsa de mercadorias de Lisboa, appareceram compradores para as seguintes mercadorias: Aveia, \$64 o quilo; cevada \$78 e fava meã \$88. As mesmas mercadorias porém só tiveram vendedores, respectivamente a \$66; 1\$10 e \$44.

Na sessão de 2 de Abril, não houve transacções que posam interessar os leitores alentejanos: Aveia, compra \$63, venda \$68, cevada, compra, \$78. Fava meã, compra \$84 e venda \$90.

O arroz obteve os seguintes preços; Chinês 20\$10 e 20\$30 os 15 quilos; precoce, 19\$50.

A aviação no Alentejo

O nosso prezado assinante e amigo sr. dr. Pequito Rebelo, adquiriu em Inglaterra uma avionete de turismo, donde se fez transportar até Alverca.

O aparelho que se destina a viagens de turismo e tem um raio de acção de 800 quilómetros, saiu de Lympne, tendo feito escala por Paris, Bordeus e Burgos.

O sr. dr. Pequito Rebelo será, de futuro piloto da sua avioneta, pois tirou o «brevet» na escola de Reading.

«Jornal do meio dia»

Por dificuldades que sempre surgem à ultima hora, é-nos inteiramente impossível fazer sair o nosso diário no dia 9. O seu apparecimento far-se-ha no próximo dia 16 do corrente.

Os proprietários das máquinas de debulha à maquia do distrito de Portalegre

Por convocatória assinada pelos proprietários de máquinas de debulha sr. capitão Manuel Carpinteiro e José Francisco Serrano e pelo sr. dr. M. Rodrigues Carvalho como advogado acesor à Comissão preparatória dessa reunião, reuniram-se no passado dia 27 pelas 15 horas, nas salas do Governo Civil do Distrito de Portalegre os proprietários de máquinas de debulha à maquia dêste distrito.

Esta reunião foi convocada para que se tratasse da criação do Grémio dêstes industriaes e foi muito concorrida.

Presidiu o ex.^{mo} sr. dr. Afonso Sampaio, digno delegado do Instituto Nacional do Trabalho no distrito, secretariado pelos industriaes srs. dr. Mário Serrão Burguete e Domingos José Cordeiro.

Abriendo a sessão o sr. dr. Afonso Sampaio pronunciou um brilhante discurso no qual explicou à Assembleia o fim da reunião e apontou as vantagens da constituição dos Grémios Patronais como células imprescindiveis da organização corporativa do Estado Novo.

Sempre com clareza o sr. dr. Sampaio analisou os decretos n.^{os} 23.050 e 24.715, pondo em destaque os artigos que mais interessavam à Assembleia ali reunida e mostrando as vantagens que os proprietários viriam a colher com a sua organização em Grémio. No final o orador foi muito aplaudido e cumprimentado.

De seguida o industrial sr. José Francisco Serrano apresentou à mesa uma proposta na qual além de se propor a criação do Grémio dos Industriaes de Debulha à Maquia no Distrito de Portalegre, se indica o «modus faciendi» para a criação dessa Organização, propondo para isso a nomeação de uma Comissão Organizadora.

Apreciando a proposta apresentada, o sr. engenheiro António Serrão Burguete, usando da palavra com muito brilho, frisou as vantagens da organização do Grémio para que os industriaes pudessem defender os seus legítimos interesses e os dos trabalhadores desta indústria, colaborando assim com o Governo na grande obra do Estado Corporativo.

A proposta foi aprovada tendo sido eleitos para componentes da Comissão Organizadora do Grémio os srs. engenheiros António Serrão Burguete, representando a firma Serrão Burguete, Lda., Manuel Rodrigues Carpinteiro, José Francisco Serrano, Joaquim Almeida e Luiz José Frade Caldeira.

A Assembleia congratulou-se com os resultados obtidos nesta reunião e aprovou que fôsse exarado na acta um voto de louvor ao ex.^{mo} Delegado do Instituto Nacional do Trabalho pela forma brilhante como tinha abordado tão magno assunto e ainda pela muita honra com que tinha distinguido a Assembleia com a sua presidência.

A «Vida Alentejana», felicita os Industriaes de Debulha à Maquia e faz votos para que esta nova instituição tenha vida próspera, para defesa e garantia dos seus associados.

O início de uma nova era

O começo da publicação do «Jornal do Meio dia», será o início de uma era de atenção e consideração pela «Grande Lavoura Nacional»?

Eu quero crer que sim.

Nenhuma grande iniciativa se desenvolve e prospera sem ser impulsionada pela poderosa alavanca «a Imprensa», e a minha classe mais dolorosamente tem sentido do que nenhuma outra, essa falta.

Dispersa, desaurida, mourejando por estes Campos Solitários num trabalho incessante, indescritível, convenceu-se que lhe dariam o merecido apreço por ela defender o trabalho, os proventos, a paz, nos meios rurais; deixou-se embevecer com promessas de protecção, lançando-se nos maiores cometimentos e sacrifícios, na ancia de prosperar e ver prosperar o Paiz, que desde há muito vinha estiolando por falta de produção de trigo, atolando-se no tremendo atasqueiro da importação, que arruinou as finanças portuguesas.

Num esforço colossal de persistência, arredando todos os atritos, vencendo todas as dificuldades, adquirindo propriedades, maquinismos modernos; fez largos arrendamentos; alargou toda a sua possível esfera de acção, dando o maior exemplo de tenacidade e de patriotismo que foi dado presenciar nos últimos tempos.

Estabeleceu-se a tabela base para o seu produto de maior valor e consumo — o trigo, a qual, longe de ser uma justa e eficaz recompensa das contingencias da indústria, tinha o mérito de ser o factor numerico do seu desenvolvimento.

Como se tem mentido esse factor?

Reduzindo de ano para ano, essa tabela, com variadíssimas onerações, transformando-a num mito!

E, no que diz respeito a outra protecção e auxilio, o que se tem feito em beneficio da Grande Lavoura?

Nada, absolutamente mais nada, do que facultar-lhe capital garantido com tudo quanto tem que permita pagar ao Estado, os juros e selos, e as entidades intermediáveis, prémios de transferência, comissões, toda a série de alcavalas implacáveis e arruinantes.

E, feito o manifesto, arrecadado o trigo, tem-se procurado dar-lhe consumo, levantando-o dos centros de produção e distribuindo-o pelas

respectivas Fábricas de moagens, que têm os seus armazens apropriados, enquanto se não edificam os Celeiros Municipais, novas obras de Santa Engrácia.

Nada disso se fez.

O trigo continua na posse do grande produtor, mal acondicionado, em péssimas condições, cativo de todos os prejuizos, beneficiando da tabela progressiva, sem nada beneficiar porque perde peso especifico, apodrece, tendo os respectivos produtores o escalracho de juros pelos adiantamentos recebidos, indefinidamente.

Se ao menos, beneficiasse de uma distribuição equitativa e proporcional a sua colheita, bem estava; mas nem isso acontece, porque o favoritismo e a habilidade imperam, mesmo sem o auxilio de burlões.

Postas de lado todas as indicações da classe, não a chamando para uma colaboração leal e efectiva, dada a passividade das suas agremiações de preponderancia; legisla-se segundo o critério pessoal ou as sugestões de quem não tem perfeito conhecimento das suas necessidades; chegou-se á conclusão inédita: «todos os prejuizos de produção serão suportados pelos respectivos produtores». Castigam-se os que trabalham e produzem, porque trabalham e produzem o que ao Paiz é essencialmente preciso e útil, esquecendo-se a maior determinante da ruina das finanças publicas, quando se não trabalhava nem produzia...

Será essa modalidade a mais consentanea da causa? Esgotaram-se já todos os recursos para debelar o mal do excesso de produção de trigo? Não será possível num esforço comum, sacrificando-se todos a começar pelo Estado que está rico e que tanto tem beneficiado da situação e da miséria da Lavoura, seu maior cliente a uzura.

Que receios há de obrigar as grandes empresas da Moagem e da Panificação, a sufocarem os seus enormes proventos em pão de luxo, concorrendo para maior consumo com o barateamento e melhor confecção de pão para pobres; procedendo ao inverso da deliberação, de elevarem neste pão, *duzentos reis*, 30 centavos em quilo, depois da sua famosa organização.

Não há quem filie essa e todas as

suas tendenciosas deliberações, no desejo ardente dos dois «Colossos» arruinarem a Lavoura, conseguindo diminuição nas sementeiras e na produção, para voltarmos a importação de trigo exótico, origem de interesses e negociações espantosas, que uma infinidade de Fábricas fechadas á laboração, estadeia por este paiz fora, com gáudio do canhão nefasto respectivo, aumentando o desemprego, perturbando a vida das classes trabalhadoras... e a dos Governos que os protegem. Enquanto predurar este sudário, pode a Lavoura nacional, aceitar de bom grado os prejuizos que lhe impõe quem por ela devia velar decididamente, visto tratar-se da classe mais benemérita, laboriosa, e de que irradiam maiores beneficios para todas as outras e as diferentes artes.

Pode a Lavoura dar-se por contente com tanto menosprezo e falta de qual privação, como recentemente aconteceu com a aprovação do Decreto n.º 25.126 que a obriga a repor das importancias recebidas — as quais ela já nem sabe a applicação que lhe deu — a diferença de preço que foi estabelecido por lei, sem ao menos se lhe aceitar o alvitre desse pretenso prejuizo, ser descontado dos valores da colheita deste ano, como indubitavelmente terá de se proceder quanto a pequenos produtores. Não se teve enfim, sombra de contemplanções por ela.

Nestas emergencias, pode a Lavoura portuguesa, cruzar os braços, succumbir, sem se manifestar e sem fazer ouvir os seus clamores mais que justificados, para a não arruinarem nem fazerem perder a precisa confiança nos Dirigentes dos destinos do Paiz.

Dissida quem o pode fazer, e manifeste-se a Lavoura dormente, com toda a sua amplitude, numa situação de inferioridade em relação a todas as outras classes, que veem beneficiando da sua organização protegida pelo Estado Novo.

Não se procedendo assim, nem bem, nem mal governado, continuará o nosso querido Portugal impondo-se á admiração de todas as outras Nações pela sua prosperidade.

3-4-935.

JOSÉ MENDES
(Lavrador em Elvas)

O assunto é muito vasto e complexo, apresentando alguns aspectos delicados. Talvez por isso, os escritores que ultimamente se têm ocupado em artigos de jornais, deste problema de interesse marcadamente alentejano e nacional, o têm encarado uns sobre um aspecto outros sobre outro sem que o visse ainda tratado em conjunto, sob as múltiplas facetas que apresenta.

Não temos nós a pretensão de resolver o problema nem tão pouco de esgotar o assunto, mas vamos fazer o possível por apresentá-lo tal como o encaramos, na esperança de contribuírmolos, embora com uma parcela mínima, para que ele seja resolvido como mais interessa à agricultura e à nação.

Como se sabe, o distrito de Beja produz quasi a quarta parte de todo o trigo que o País colhe e por isso é nele que em especial devemos estudar as condições de produção, porque delas depende a possibilidade de se alterar ou não o preço de venda do trigo.

A agricultura como qualquer outra indústria, não pode vender os seus produtos por um preço inferior ao seu custo de produção, e por isso analisaremos em primeiro lugar este aspecto do problema que, a nosso ver, é basililar, porque partimos do princípio que subsistem ainda as causas que motivaram a campanha do trigo, isto é, que é necessário continuar a produzir o pão que nos basta.

Sobre este ponto de vista parece que estão ainda de acórdão, produtores economistas e políticos, havendo apenas uma classe que intimamente, com certeza, discorda, de, e, a grande moagem, que não esquece os salutosos tempos das grandes importações de trigo, que lhe permitiam, com o simples trabalho de duas penadas, abarrotar os cofres de notas à custa da economia do País.

Sabem todos os que conhecem as condições da produção na região mais cerealífera do país, que o grande aumento da produção do trigo, nestes três últimos anos, foi devido a três factores principais: ao aumento da área cultivada, quer metendo em cultura alguns restos de incultos que ainda existiam, quer reduzindo os anos de pousio; aos melhoramentos introduzidos nas práticas culturais, isto é, à intensificação da cultura, resultante da propagação dos técnicos, e às condições do clima excepcionalmente favoráveis à produção cerealífera, e em especial às colheitas de 1932 e 34, sem as quais muito menos teriam influído no aumento da produção os outros dois factores. A prova desta asserção está em que, bastou a primavera de 1933 não ser tão acentuadamente favorável à cultura cerealífera no Alentejo, como as de 32 e 34, para nesse ano a colheita apenas se aproximar do consumo de um ano, conquanto se mantivessem os outros dois factores estimulantes da produção.

Portanto para que se mantenha a produção actual do trigo,, que tanto arrelia a alta moagem e preocupa já alguns economistas e governantes, com receio de se eternizar o regime nestes dois anos, seria necessário que não diminuissem os seus benéficos efeitos sobre a cultura do trigo os três indicados factores que influem na produção.

Numa série de artigos que temos vindo publicando sobre as condições da produção cerealífera no Baixo Alentejo e a racionalização da cultura do trigo, procuramos demonstrar que esta cultura não pode já aumentar em extensão, devendo até diminuir por ser necessário à economia da região e do

TRIGO, FANHA E PÃO

O sr. dr. Mira Galvão, engenheiro agrônomo, publicou no "Diário do", de Beja, uma série de artigos sobre o custo das terras galegas e nos barros. "Vida Alentejana" transcreveu as contas desses custos. O nosso autor desses artigos, porém, demonstrou-nos desânimo pelo facto dessas contas não serem acompanhadas dos respectivos considerandos, só assim seriam justificadas as várias verbas. Assim, registamos hoje nas nossas colunadiciosas considerações feitas pelo amigo

País, aumentar os anos do pousio, de pastagem ou de descanso nalgumas terras devido à sua pobreza, e desviar outras da cultura cerealífera, aplicando-as nas culturas florestais devido à sua constituição e relevo do terreno, refiro-me às terras rochosas e às muito inclinadas que marginam os cursos de água, pela necessidade que há de atenuar a crise de combustíveis que aumenta de forma assustadora, criando no Baixo Alentejo grandes massas de lenha e de madeira para queimar, evitando ao mesmo tempo a erosão dessas terras pelas águas da chuva e o assoreamento dos rios, melhorando as suas condições de navegabilidade e evitando as grandes despesas com as dragagens, que só o Estado Novo nalguns cursos de água pôde realizar devido ao seu grande dispêndio.

Pretender equilibrar a quebra da produção das terras que tenham de deixar de produzir trigo ou tenham de o produzir mais espaçadamente, como ficou dito, pelo aumento de produção da cultura das terras melhores, resultante da intensificação, são idealismos de quem não conhece praticamente as condições da produção e a morosidade com que se verificam essas evoluções dos costumes e da técnica cultural. Nós que fizemos a Campanha do Trigo, que conhecemos as facilidades de trabalho do nosso lavrador e a influência benéfica que pode exercer no seu espirito progressivo a propaganda do técnico, sabemos também que o factor que mais influe no progresso da técnica agrícola é o resultado económico da cultura, porque o lavrador se mais ganha mais gasta no aperfeiçoamento da sua indústria. Nos anos de boas colheitas o lavrador emprega mais pessoal em melhoramentos fundiários, compra mais máquinas, faz melhores lavouras, reforma os seus gados de trabalho e compra mais e melhores adubos. Num ano ruim reduz todas estas despesas ao mínimo e com isso sofre toda a economia do País, desde o trabalhador ao comércio e à indústria e até as próprias condições de produção do ano seguinte...

O custo do trigo na região das terras galegas

Mas será verdade o preço de venda do trigo exageradamente elevado em relação ao seu custo de produção?

Parece-nos que em consciência ninguém poderá, de uma maneira geral, responder com precisão a esta pergunta, tal é a diversidade das condições económicas em que o trigo é produzido. Porém analisando-as de uma a uma nós poderemos formar um critério e responder com relativo acerto.

Como se sabe, na região mais produtora de trigo do país, o Baixo Alentejo, há duas regiões perfeitamente distintas quanto a técnica cultural, despesas da cultura, o seu rendimento em trigo e consequentemente em lucros líquidos. Refiro-me à região das terras galegas e delgadas que ocupam a maior parte da área do distrito, e à região dos barros e terras argilo-calcárias que, grosso modo, não devem ocupar mais de 10 por cento desta área. Nes-

tas duas regiões ainda há diversas moitas a baixo desta produção, dificuldades de cultura que muito influem atingindo as 8 sementes, e nas no preço do custo da produção de terras mais ruins, que são a maior parte, go, sendo as principais a cultura de produção média não vai além de 5 pelo lavrador, em que todas as operações, o que representa um preço da cultura são executadas por peso certo e por vezes muito grande soal pago pelo produtor e a cultura do lavrador. Os anos de boas colheitas pelo seareiro onde a maior parte das que vêm cobrir ao lavrador o dos serviços são feitos pelo próprio "fíctio" da cultura cerealífera, são pessoas de sua família, sem ganhar soma excepção, e uma série de anos lários nem sequer valorizar o trabalhos seguidos, como esta que está pelo preço que custa ao lavrador, quando, são uma raridade tão rara que não pode deixar de entrar com esta primeira vez que se dá na vida dos valores no custo da produção porquans da geração presente. Mas esta tem que os pagar em dinheiro ou em circunstância, que é basililar, parece ser géneros que dinheiro representam. Morada por aqueles que são apologistas.

Na impossibilidade de apresentarmos a baixa de preço do trigo, como as contas de cultura para cada uma destas fosse possível agüentar-se uma ex-modalidades de produção, porque isorração vendendo os seus produtos alonaria demasiadamente este trabalhar um preço inferior ao seu custo mé-saindo fora da índole destes artigos de produção.

O custo do trigo na região dos Barros

Os afamados barros da região de Beja, como por mais de uma vez temos das tornam a exposição um pouco mais, são de uma grande pobreza consagadora, principalmente para o editor, como as terras galegas. A daremos apenas a primeira em análise química acusa-as muito pobres e a segunda só por capítulos, para os dois principais elementos que nesta tistfazer com a primeira a curiosidade temos que considerar nas adultos poucos que nos lerem com intenções, o azoto e o fósforo, e principal-mente de saber o critério que seguimos o azoto que nos barros frios tem e o cuidado com que elaboramos este ser empregado em elevadas doses estudos e poupar à Empresa do jornara se conseguirem grandes produ-o trabalho de compor tanto números.

Esta conta de cultura foi elaborada em Esta circunstância torna muito dis-gundo a nossa orientação, pelo modo das adubações racionais dos presos colega, antigo adjunto, e hojarros. Por outro lado os amanhos cul-distinto professor da Escola de Rega-grais nos barros, são também muito tes Agrícolas de Coimbra, o dr. Mair-caros do que nas terras galegas, Penedo, que com a meticulosidade que os alqueives de inverno e pri-o caracteriza e o rigor que imprime na-vera para ficarem bons, têm que ser todos os seus trabalhos, ouviu sobre-ritos a dois puchos e os de verão, in-estes números e serviços a considerar, dispensáveis para manter os barros em alguns dos principais lavradores dom estado de limpeza e em elevadas Campo Branco, região a que a com-produções, só se podem fazer a cinco se refere.

(Ver «Vida Alentejana», n.º 22).

Uma lavoura que nem todos podem possuir, Como se vê da conta de cultura doado o seu elevado custo inicial e gran-trigo, numa herdade da região do patentes despesas de manutenção. Tudo isto que produz mais trigo, deu apenas a obriga quem faz lavoura nos barros lucro líquido de 2500 por hectare a trazer em exercício uma soma de ca-que corresponde um juro do capital tal cerca de três vezes superior ao empatado na indústria de 25 por centonecessário para cultivar igual área na É preciso notar ainda que nós cal-região das terras galegas. culamos esta cultura com uma produção. Os barros, porém, convenientemente de 10 sementes e que representa a pro-atados, com boas lavouras, e criterio-dução média das melhores terras gale-gamente adubados, podem-se elevar e gas, porque a média da região, num-manter em mais altas produções do que série de 10 anos, por exemplo, ficas terras galegas, o que compensa a

abandonadas pelos enfiteutas, porque o seu rendimento não suportava os encargos do foro, que era uma semente, ou seja, o valor da renda.

Depois disso, há poucos anos, e empregando-se já largamente as adubações azoto-fosfatadas com a fórmula Fernandes; um rendeiro que trouxe a propriedade de renda também por uma semente, e apesar de ter fama de ser bom lavrador e de saber tratar bem as terras, dizia que não ganhava dinheiro nesta exploração, e é possível, porque as produções raramente iam além de 12 sementes e algumas das últimas searras de tremês que lá semeou, no ano em que o dono tomou posse da propriedade e começou a explorá-la por sua conta em cultura intensiva, nem sequer as ceifou porque o trigo não se via no meio dos cardos. Isto prova que, nestas condições, mesmo na afamada região dos barros, não se enriquece com a cultura do trigo.

Este era de facto e ainda é, nas grandes herdades, exploradas em regime de cultura extensiva, o caso mais vulgar, mesmo na região dos barros, e se trouxe para exemplo um caso de cultura intensiva, foi para que não se dissesse que neste estudo eu deixava de citar as condições óptimas da cultura do trigo no Baixo Alentejo.

Devo ainda lembrar, mais uma vez, que a área dos barros, onde há terras que por meio de bons amanhos e adubações criteriosas se se podem levar a altas produções, representa uma percentagem insignificante na superfície do Baixo Alentejo, e por isso na média das produções preponderam as mais baixas, as das terras galegas pobres que são a maior parte, fazendo descer a produção média da região a um nível inferior ao indicado nas contas de cultura que apresentamos não atingindo esse nível as 8 sementes (7,4 no quin-quênio 1926-30) segundo as estatísticas oficiais.

Posto isto, é obvia uma pergunta que já me fizeram numa assembleia em que defendíamos, com estes argumentos, a necessidade de se manter a estabilidade do preço do trigo.

Como é então que a lavoura não falhou já toda custando-lhe a cultura do trigo pelo menos 10 sementes e sendo a média geral das produções apenas de oito?

O assunto é complexo, mas a resposta é fácil para quem conhece as variadas condições em que o trigo é produzido no Alentejo.

Não falhou já toda mas liquidou uma boa parte a seguir ao triênio de crise 1928-30, composta precisamente, na sua maioria de elementos dos mais laboriosos e activos da nossa cultura cerealífera.

Já dissemos algures, que o trigo nesta região é produzido por grandes e médios lavradores que explorando directamente as suas terras, quer cultivando-as de renda, mas fazendo todos os serviços com assalariados e contratados, e por pequenos proprietários, pequenos rendeiros e seareiros, que se meiam à razão (parceria) fazendo todos ou quasi todos os trabalhos por suas mãos e com pessoas de família.

Não temos elementos para indicar com precisão qual a percentagem do trigo produzido nestas condições, mas julgamos não exagerar calculando-a num terço da produção da região. O trigo produzido nestas condições nem o seareiro sabe quanto lhe custa por que não faz contas ao que vale o seu tra-

balho e o dos seus, visto que não recebe nem paga salários.

O seareiro vive com muito pouco. Tem em geral casa sua na povoação ou monte para morar, colhe o trigo com que fabrica o pão que come e não faz contas ao que êle lhe custou, quasi sempre colhe azeite ou compra nas colheitas, em boas condições, o que necessita para o consumo do ano, engorda um porco com o desperdício das colheitas, com os farelos da amassadura e com algum bagaço, se colhe algum azeite, o que lhe garante a reserva de tocinho e de carne ensacada para um ano. Não tem exigências de vestuário, nem de qualquer outra espécie, e por isso a sua jornada e dos seus lhe sai baratíssima, reduzida às despesas de manutenção da família, a dividir pelos dias de trabalho que todos empregam nas culturas durante o ano. E' em grande parte o trigo produzido nestas condições que faz baixar a média geral do preço do custo e torna ainda possível a cultura nos anos de fracas produções.

Por outro lado os grandes lavradores têm outras receitas que andam intimamente ligadas à cultura do trigo, como os gados, os montados e alguns a cortiça, etc., que lhes saldram as contas da sua casa agrícola com lucro, quando a cultura do trigo o não dá. E' como em geral o lavrador não tem escrita devidamente montada não fica sabendo quanto ganhou ou quanto perdeu na cultura do trigo. Estes também se agumentam com as altas e baixas da cultura porque tendo um rendimento, de várias procedências, muito superior às suas necessidades, mesmo nos anos de fracas colheitas ainda podem comprar automóveis caros e viajar pelo estrangeiro sem terem que recorrer ao crédito, e até mesmo sem tocarem nas reservas.

O pequeno proprietário ou pequeno rendeiro seareiro, isto é, que não tem gados e só vive das culturas arvenses, esse é que é o sacrificado e se não fôr muito bem governado e não tiver um pouco de sorte, ou vive uma vida de expedientes, pedindo aqui para pagar além, ou sossobra ao péso dos encargos da sua profissão em apanhando uma série de anos ruins.

Foi o que aconteceu nos primeiros anos da Campanha do trigo a muitos lavradores que não tendo reservas, porque a profissão não lhas consentia, não puderam suportar os encargos que foram obrigados a contrair durante uma série de anos ruins que precedeu 1931. E' esses não foram dos que compraram automóveis caros, porque a maior parte nem os possuía, nem jogavam à roleta nem ao burro. Trabalhadores honestos, lavradores de facto, daqueles que ainda se sujeitam a viver nos montes, que aloçam com os ganhões antes do sol nascer, e de sementeiro ao ombro semeiam aos seus arados todo o trigo que cultivam. Contavam-se às centenas os infelizes lavradores que no Alentejo, antes deste período de abundância, que deslumbrou já o cerebro de muita gente, viram todos os seus haveres postos em praça por não terem já recursos nem credito para saldar os seus compromissos.

Se a cultura do trigo fôsse sempre o que tem sido nestes três últimos anos, como até alguns lavradores julgam, lavradores daqueles que, por terem nascido ricos, nunca souberam o que são privações, não se teriam dado estes lamentáveis acontecimentos que compungiram todos aqueles que sabem como é feita de incertezas, privações e can-

ceiras, a vida do pequeno lavrador alentejano e não se teriam visto de um momento para o outro reduzidos à miséria tão grande número de incansáveis e honrados trabalhadores.

E' talvez por haver lavradores de fraca memória ou que nunca experimentaram as privações dos anos ruins que aparece de vez em quando algum na imprensa declarando que a cultura do trigo já poderia suportar uma pequena baixa no preço de venda, dado o aumento de produção por unidade de superfície observado nos últimos anos.

A opinião destes beneméritos lavradores, faz-me lembrar uma comparação do meu amigo Joaquim Lima sobre os ganhos da cultura do trigo, que tem tanto de judiciosa como de verdadeira. Diz êle. «A cultura do trigo é como o jogo da roleta. Todos apontam e citam os pontos que ganham e quanto ganham numa noite, ninguém fala dos numerosos jogadores que perdem». E eu concluo. No entanto, mesmo nas noites em que haja pontos de marcada felicidade, se à entrada e à saída formos dar balanço ao dinheiro que todos levam, o total à saída há-de ser sempre menor do que à entrada. Doutra forma não se explicaria que os banqueiros ganhassem fortunas.

E' necessário não esquecer ainda que há regiões no Alentejo em que os lavradores dão mais importância à exploração de gados do que à cultura do trigo que êles consideram, como Dombasle, «um mal necessário», encargo que suportam porque precisam trabalhar as terras e semeá-las de cereais para depois lhe produzirem boas pastagens. Muitos grandes lavradores dessa parte do Alentejo são mais rendeiros e ganadeiros do que proprietários, e como pagam as rendas a trigo, a maior parte do que colhem entregam-no ao senhorio, pouco lhe importando que êle o venda caro ou barato, mas talvez até lhe interesse mais que o trigo seja vendido barato, porque, vendendo êles pouco, pequeno será o prejuízo e quanto mais barato fôr o trigo menos custará o pão e mais baratas êles pagarão as jornas e soldadas ao pessoal que ocupam, que é a sua principal despesa.

Mas essa região alentejana é de importância secundária na produção trigueira, em relação ao distrito de Beja, e os seus interesses não podem servir de norma no estabelecimento do preço do trigo.

No Baixo Alentejo, que produz quasi a quarta parte do pão do país, já nós vimos que este cereal não se pode, por enquanto, produzir mais barato, em média, e que o seu preço de venda nada tem de exagerado em relação ao seu custo. Baixar o preço do trigo, nestas condições, seria a ruína da agricultura e adeus barcos comprados a prazo e pagos a pronto pagamento, porque não mais se produziria o trigo necessário para o consumo do país.

Baixar o preço do trigo num ano bom é fácil e simpático, porque a todos saberá bem comer pão mais barato. Subir o preço do trigo num ano ruim, para não arruinar a lavoura, será mais difícil ou pelo menos mais antipático, porque é precisamente nesses anos que o consumidor também suporta as maiores dificuldades, resultantes de frequentes e demoradas crises de trabalho, porque em a lavoura não ganhando o lavrador reduz ao mínimo o emprêgo de pessoal, gasta em tudo o menos que pode e disso se ressentem logo o comércio, a indústria e todas as actividades económicas do país.

Só lucraria com isso a grande moagem, que tem sempre assegurado o consumo do seu produto com preço que lhe garante bons lucros e veria realizados os seus sonhos dourados das grandes importações de trigo, que lhe permitiriam os fabulosos lucros de saí-dosa memória.

E' contra a propaganda, descoberta ou encapotada destes, que devemos estar precavidos, porque a ela se podem prestar individuos de aptidões várias, mascarados de lavradores, mas com os seus máximos interesses ligados à moagem e assim se fazem passar por autênticos lavradores, honestos e altruístas defensores do consumidor.

Beja, 12 de Fevereiro de 1935.

Propaganda de Evora

O grupo Pró-Evora, benemérita instituição que à *Cidade Museu*, tem dado tanto nome, prosseguindo na sua obra regionalista acaba de editar umas *plaquetes* muito interessantes, com os principais monumentos de Evora e a sua descrição.

Nessas *plaquetes*, vemos:

I Sé; II S. Francisco; III Igreja de Santo Antão; IV Trecho da Galilé e Pórtico da Igreja dos Loios; V Claustro do Liceu (antiga Universidade Henriquina); VI Claustro do Convento do Calvário; VII Virgem da Glória, quadro gótico atribuido a Gerard David.

Estas *plaquetes*, são guardadas num artistico envelope com a gravura do *Templo de Diana*, e com as seguintes opiniões:

«O *Templo Romano*, vulgarmente denominado *Templo de Diana*, é o único no seu género e uma das mais bem conservadas ruínas romanas em toda a península. E' atribuido ao fim do século II ou começo do século III. — *Gabriel Pereira*».

«Era Evora em tempo dos romanos e ainda dos godos assás nobre. — *André de Rezende*».

«Um dos nossos mais vastos e preciosos monumentos de arqueologia e de arte. — *Ramalho Ortigão*».

«Uma espécie de Jerusalém, coberta toda abrazada de ouro e pedrarias. — *Fialho de Almeida*».

«Paraíso do aguarelista e do arqueólogo. — *R. Proença*».

«Ciudad por ciudad Evora em Portugal — *Cardeal Cienfuegos*».

«Na vetusta cidade trastagana, tudo fala dos séculos volvidos. — *D. José Pessanha*».

«Evora é um dos pontos mais interessantes da Península, talvez da Europa — *Sousa Pinto*».

«Evora é sempre rara, sempre estranha sempre linda. — *Matos Sequeira*».

A ROSEIRA

Sua origem e sua importância «ética e étnica»

XVIII

Rosas côr de rosa

Muito recomendável é também a «Gustavo Gruenerwald» (H. C.). Esta variedade é altamente florifera; as suas flores são rosa carmim com o centro matisado de amarelo. As flores completamente abertas são um pouco chochas, mas aparecem em grande quantidade. A outrora célebre «Hillarney-rosa» (H. C.) deveria ser banida dos nossos jardins, por ser altamente sujeita ao mildio, tornando-se um foco de infecção para o roseiral inteiro. Muito recomendável é, entretanto a «Rainha Carola» (H. C.) de flores bem grandes de um rosa assetinado muito puro, que na face dorsal das pétalas vai desmaiando para um lindo rosa-prateado. Flores igualmente muito grandes produz a «Lady Ursula» (H. C.) cujo colorido rosa-carmim é matisado de salmão. Esta variedade substitui a antiquíssima «La France», hoje frequentemente atacada de velhice, embora insuperável pelo seu desenvolvimento. Supomos que para isso contribui muito a nomenclatura, que só tem servido ao culto da vaidade, ao invés de exprimir os característicos dominantes de cada variedade. As flores desta variedade são muito cheirosas e de belíssimos contornos. O seu colorido rosa-hortência é bem raro no mundo das roseiras. Trata-se de uma variedade vigorosa e extremamente florifera.

Quanto á nossa célebre «Fausto Cardoso» (Souvenir de Fausto Cardoso) ficamos em dúvida sobre se devemos recomendá-la. As primeiras flores são esplendidas e enormes. Mas as seguintes são pouco formosas e sensivelmente menores. Sua verdadeira substituta é a «Sachsen-grusse», descrita mais atraz!

Integralmente belas são as flores da «Friburgo» (H. C.), cujas pétalas concheadas são branco-rosadas e rosa-pêcego no dorso. Esta variedade é muito vigorosa e resistente e as suas flores exalam um perfume delicioso. Extremamente vigorosa e quasi semi-trepadeira é a «José Bonifácio», cujas flores me-

Pelo Professor S. Decker

dianas, rosa-salmão assetinado, não se contam entre as mais bonitas, mas aparecem durante o inverno e na primavera em tal quantidade que

merecem o seu lugar em qualquer jardim. Ela sofre o mildio nos lugares frios e fechados, convindo, pois, plantá-la em lugares abertos e insolados, onde a sua folhagem se conserve sempre sádia e bela, principalmente quando jovens as folhas, pelo colorido vermelho negrecido que ostentam. Convem citar enfim, a gigantesca «Paul Neyron» (Rem.), de um lindo rosa-brilhante e a soberba «Pink Pearl» (H. C.), matisada de vermelha sobre fundo rosa-salmão. Esta última variedade merece um lugar de destaque.

Conselhos práticos para a cultura de hortaliças

Pelo Professor S. Decker

XIV

Acelga — «Branca de Lion» (9-3).
Sementes—pêso por litro, 250 grs.; 1 gr. contem 60 sementes; *longevidade* 6 anos; tempo de germinação 10 dias; *ciclo vegetativo*, 13-17 semanas; *afolhamento*: segue o das plantas mais exigentes.

Conselhos culturais—Solo profundo, humo-argiloso e poroso bem virado e esmiuçado. **Adubação**—quando não segue o *afolhamento*, 300 quilogramas de estrume de curral bem curtido, ou 2-3 quilogramas de superfosfato, 2-3 quilogramas de potássio (40 por cento) e 1-2 quilogramas de sulfato de amônia ou salitre do Chile. **Semeadura**—de preferência de Janeiro até Março ou Setembro até Novembro. Se de preferência de Janeiro até Março o lugar definitivo ou em covas rasas distanciadas de 40 cms., e desbastando várias vezes para chegar á distancia final de 40 cms. de planta a planta. Querendo usar a acelga como planta de *afolhamento*, pode-se semear em alfôres e transplantar as mudas depois da formação da 4.^a ou 5.^a folha. Limpar periodicamente; regar em tempo sêco e, de quando em quando com adubo químico. Evitar colher as folhas de uma só vez.

Beringela — «Rôxa comprida temperã» (8-12) e «Redonda de Pekim» (8-12).

Sementes—pêso por litro 500 grs.; 1 grama contem 250 sementes; *germinação*, 55 por cento; 3 gramas de sementes são suficientes para obter, depois do desbaste ou da *transplantação*, 100 plantinhas robustas, dando cada uma 5 até 10 frutos de tamanho médio.

Conselho culturais—solo de boa qualidade, humoso, sílico-argiloso, rico em matérias orgánicas, lavrado até 50 cms.; tendo recebido uma forte *estrumeação* no ano na cultura precedente. **Adubação**—completá-la com 4 quilogramas de super-fosfato e 2 quilogramas de cloreto de potássio enterrados no momento da *preparação do terreno*. Distribuir durante o *ciclo vegetativo* 3 quilogramas de salitre do Chile, espalhado nos sulcos traçados entre as linhas no momento do *plântio definitivo* das mudas. **Semeadura**—de Agosto até Dezembro, em alfôres ou caixões, em linhas distanciadas de 10 cms.; efectuar uma *transplantação prévia* depois da formação da 3.^a ou 4.^a folha, plantando no lugar definitivo quando as plantinhas tiverem 5 ou 6 folhas, distanciando-as de 50 cms., em todas as direcções. Convem enterrar levemente o colo da planta, para favorecer o seu desenvolvimento. Remover os brotos laterais; conservar somente a haste principal e desponjá-la acima da segunda *inflorescência*, deixando desenvolver-se somente um fruto por *inflorescência*. Os ramos laterais, que nascem nas axilas das folhas, serão desponjados acima da folha que segue imediatamente á segunda flor formada em tal ramo. Removem-se todos os ramos *infrutíferos* e os eventuais rebentos. Cada planta recebe uma estaca que a segura. Colher os frutos antes de terem alcançado o seu tamanho definitivo, por se tornarem, apoz seu completo desenvolvimento, cottonosos e *imprestáveis*. Da *semeadura* á *colheita* vão de 4 a 6 meses.

Sai no dia 16 de Abril

«Jornal do meio dia»

EDIÇÃO DIARIA (da «Alentejana Editora» em organização)

DIRECTOR: PEDRO MURALHA

Colaborado por profissionais da imprensa
e com um serviço telegráfico e telefónico
desenvolvido

Novo aspecto gráfico e literário

«JORNAL DO MEIO DIA»

*inserirá interessantes Secções, tais como: Utilidades,
Charadística, Abertura de Câmbios, etc.*

A começar no 1.º número:

Ártigas: Trabalho inédito de Pedro Muralha. É a história da colonização portuguesa no Uruguai e a descrição da independência das nacionalidades americanas

Assine já o «Jornal do meio dia»
cujo preço é de 6\$00 Esc. mensais Número avulso \$30

Aceitam-se agentes e correspondentes
em todo o País

Redacção e Administração

Calçada da Glória, 25-2.º

TELEFONE 21044